

MOJANG

# MINECRAFT™

## O MUNDO PERDIDO

UMA AVENTURA MINECRAFT OFICIAL



MUR LAFFERTY

## PRÓLOGO

Do diário perdido de N

Hoje tenho de tratar das queimaduras consideráveis com que fiquei depois do encontro com . Quase nem conseguia escapar viva. Foi uma monstruosidade amarela, um cubo rodeado de

Estupidamente, achei que a minha camisa chegaria, pensei que era apenas uma missão de reconhecimento. A promessa de fortes e outras riquezas é tentadora demais para descartar.

Ora, armadura de lã é coisa que não existe, apesar do que reiterou. A camisa não me protegeu de nada. Terei de dizer a que estiveram a perder tempo.

E também que lamento a lã perdida.

E as ovelhas perdidas.

Mesmo assim, encontrei uma coisa interessante, mas estava guardada por aquelas coisas de fogo. Terei de reunir mais dados antes de as enfrentar outra vez.

Agora vou esgueirar-me até à aldeia, a ver se alguém troca uma poção curativa comigo. Espero bem não deparar com

Não os conseguiria encarar neste momento.

Acho que aperfeiçoei a construção do portal. Desta vez, quase nada correu mal. Tive realmente o problema dos zombies deste lado e, do outro, havia mais daquelas criaturas de fogo pavorosas. Enfim, pronto, quando a vida te dá cogumelos, fazes sopa de cogumelos. Fiz uma pequena plataforma, e comprei bastante empedrado com que construí um lugar seguro.

Acho que estou a fazer progressos.

Para quê escrever coisas se não tens intenção de que alguém as leia? Todavia, tenho mesmo esperança de que ninguém leia isto. Fui atacada por mais criaturas no outro lado, consegui escapar por um triz. Se não encontrar um lugar seguro para viver lá, a morte é certinha. Porém, viver deste lado já não é possível.

Se encontrares este diário, não sigas os meus passos. O perigo é elevado e os riscos são muitos. O único tesouro que tenho é um bloco de material que me queima quando lhe toco. Não há nada de valor do outro lado.

Neste momento, só procuro liberdade.

## **PRIMEIRA PARTE**

### MAIS VALE FAZER CRIAÇÃO DE VACOGUMELoS

Na enseada local, flutuavam cabecitas vermelhas e cor de laranja, a balir quando vinham à superfície e a gorgolejar quando se afundavam. A Alison abanou a cabeça. As ovelhas tinham-se soltado e ido diretas à água. Outra vez.

Cruzou os braços e ficou a ver as cabeças quadradas e peludas que apareciam e desapareciam na água, sem sinal de virem a terra tão cedo. Mas o que se passava com as ovelhas? Queriam estar na água mais do que quaisquer ovelhas que ela já tivesse visto. Os pais faziam criação por causa das cores, mas, tanto quanto ela sabia, não tinham tentado cruzá-las com lulas.

Por falar em lulas: as manchas escuras na água indicavam que as ovelhas tinham atraído amigas.

O sol ia alto no céu, e a Alison tinha tempo de entrar na água para as ir buscar, mas detestava nadar atrás das monstrinhas. A lâ molhada cheirava pessimamente.

— Fantástico — murmurou, a arregaçar as mangas. Tirou trigo da mochila e avançou para a beira da enseada.

— O que se passa? — perguntou uma voz atrás dela.

Saltou e deu meia-volta. O seu melhor amigo estava atrás dela, de cabeça inclinada para um lado.

— Max! — bradou ela. — Não faças isso. Achei que eras um creeper!

Ele encolheu os ombros.

— Estava a bufar? Só queria saber o que andas a fazer. — Inclinou-se para ver à volta dela. — Oh... As ovelhas foram ao banho outra vez?

Estava indecisa entre salientar o que era estupidamente óbvio e mandá-lo afastar-se da água. Decidiu-se pelas duas.

— A *Maçã* e o *Príncipezinho* soltaram-se outra vez. Vou buscá-los. — O Max abriu a boca, mas ela continuou de imediato, com pressa. — Sozinha, Max. A tua mãe mata-te se te chegares à água outra vez. Depois mata-me a mim, duas vezes.

Ele olhou em redor com atenção redobrada, escudando os olhos do sol.

— Hum. Não a vejo em lado nenhum. E já me cheguei à água. — Abeirou-se mais e molhou os dedos dos pés, de olhos bem fechados. Depois, abriu-os. — Morri?

— Ainda não — respondeu a Alison, entre dentes. — Deixa-me só tirá-las dali. Se quiseres ajudar, vai ver o curral delas, ou isso. Descobrir porque fugiram outra vez.

O Max deu mais um passo para dentro de água, a ver os animais chapinharem. A Alison tinha de admitir, parecia mesmo que as ovelhas se estavam a divertir à grande na enseada. Havia realmente uma lula com elas, os tentáculos a saírem e a entrarem na água junto com as cabeças coloridas das ovelhas.

— Sabes bem que gostam mais de mim do que de ti — disse ele. — Precisas da minha ajuda.

— Não faz diferença alguma, elas vêm se eu tiver comida — retrucou a Alison, exasperada. — E não gostam mais de ti coisíssima nenhuma.

Mas gostavam. Chateava-a regamente que a estirpe vermelha e cor de laranja do rebanho da família gostasse mais do seu melhor amigo e, a ela, não ligasse nenhuma. Hoje não era diferente; elas teriam pensado que o Max iria brincar com elas, porque assim que a água lhe chegou aos joelhos, desataram a balir, todas contentes, e a nadar na direção dele.

Ele nem sequer tentara chamar-lhes a atenção com trigo.

— Max! — ouviu-se um grito agudo, e a Alison encolheu-se. Não se virou. Conhecia muito bem aquele som; a mãe do Max passava a vida a emití-lo. — Sai já da água!

Passou pela Alison sem dizer palavra e correu para a água. A *Maçã* e o *Príncipezinho* baliram de pânico e

viraram-se para fugir, ansiosas por ficar longe do monstro que chapinhava e carregava na direção do Max. A lula mergulhou nas profundezas.

A mãe do Max não ligou. O Max mal começara a reflilar quando a mãe o agarrou pela cintura e o levou de volta à praia. O Max debateu-se.

— Mãe, está tudo bem, não me estou a afogar, nem estava a ir mais fundo! — bradou. — A Alison precisava de ajuda com as ovelhas!

— Não me arrisco a perder-te outra vez! — exclamou a mãe, as lágrimas já a marejarem os olhos furiosos. Largou-o na areia e pôs as mãos nas ancas.

— Não me vais perder! — contrapôs o Max, mas estas palavras sumiram-se num grunhido quando a mãe se dobrou, subitamente, e o agarrou outra vez, num abraço apertado.

— Já te esqueceste de que quase te perdi uma vez? — repetiu, sem ligar aos protestos dele.

A Alison desviou o olhar, atrapalhada. Nos meses mais recentes, ver a intimidade da família dos outros, até a intimidade esquisita que o Max tinha com a sua família superprotetora, constrangia-a.

— E tu, Alison — disse a mãe do Max, largando o filho e tornando a pôr as mãos nas ancas —, já conheces as regras.

— Mãe, não ralhes com a Ali — pediu o Max. — Ela disse-me para não ir, eu é que não liguei.

— Ela devia tomar conta de ti. É mais crescida.

— Menos de um ano! — refilou o Max. — Eu tenho 12 anos, não preciso de ama-seca.

— Falaremos disso ao jantar, estão a ouvir? — frisou ela, apontando para o Max. — Não vás para a água outra vez.

O Max suspirou.

— Pois, está bem. Ali, vou ver os currais, com todo o cuidado para não me chegar à água no caminho. Mas não sei o que farei ao meu cuspito. Custa bastante a evitar. — Cuspiu para o chão e depois desatou a correr e a dar aos braços, fingindo-se em pânico.

— Não tem graça! — ralhou a mãe do Max, com as lágrimas a escorrerem-lhe cara abaixo. — Não o quero perto da água — recordou à Alison, como se ela se tivesse esquecido.

— Eu sei — respondeu ela. — Também não quero estar perto da água, mas o curral estragou-se outra vez, e tive de arrebanhar as ovelhas.

A mãe do Max respirou fundo. Recomposta, olhou para a Alison com olhos inchados carregados de pena.

— Porquê? — perguntou com brandura.

— Porquê o quê? Porque é que preciso delas? Porque fugiram — respondeu a Alison, a pestanejar muito. — Porque é que o curral se estragou? Sei lá. Mas sei que as ovelhas fugiram e, quando isso acontece, tenho de as levar para dentro. O meu avô tinha um dito parvo sobre isso, qualquer coisa como: «Quando as ovelhas fogem, mais vale fazer criação de vacogumelos.»

A mãe do Max franziu a testa.

— Não tem sentido nenhum. Referia-me à preocupação com as ovelhas. Elas ficam bem se as deixares em liberdade. Já não precisas de tomar conta delas. Não precisamos da lã, tu não precisas dessa responsabilidade. Não há, decididamente, razão para continuares a criar ovelhas e, para consertar o curral, tens de voltar a casa repetidamente. Ficarias bem melhor sem essas recordações, sabes? — Ela salientou a palavra «repetidamente», lembrando à Alison que não lhe fazia bem nenhum voltar à sua casa destruída. Deu palmas no ombro da Alison. — Pensa nisso. Vemo-nos ao jantar.

A Alison olhou para a água para não ter de a ver seguir caminho. O curral ficava perto da casa, passando por um renque de árvores; quando ela ia ver as ovelhas, não tinha propriamente de olhar para a casa na árvore estragada que em tempos fora sua.

Ia ver as ovelhas com frequência, tentava ser responsável por elas. Sentia que lhes devia essa atenção.

Ora, a mãe do Max tinha razão. Eles já não precisavam da lã. A Alison desperdiçava tempo e materiais, com os concertos frequentes aos currais, perdia tardes inteiras a correr atrás do rebanho tresmalhado.

Por outro lado, era uma das poucas fontes de alegria na sua vida. Contemplou as ovelhas, que brincavam alegremente com a lula, que tinha voltado à tona e enrolava agora os tentáculos à volta da *Maçã*, mas só por diversão.

O *Príncipezinho* tentava dar marradinhas nos tentáculos que chegavam perto dele.

A Alison ouviu passos atrás dela e, antes de se virar, o Max estava de volta, passando por ela a correr rumo à enseada. Com um brado, saltou para a água rasa, fez o maior chapão possível e avançou com passadas largas para as ovelhas, as quais o receberam com balidos de contentamento.

A Alison riu-se e entrou atrás dele na água, a brandir o trigo acima da cabeça. Mesmo com a ameaça de ficarem em apuros, o Max fazia-a sempre rir e esquecer os problemas, por momentos.

## CAPÍTULO 2

---

### O PAI DA ALISON NÃO TINHA IMAGINAÇÃO

A *Maçã* mordiscou o trigo que o Max lhe oferecia, enquanto a Alison o observava a consertar o curral.

— Não lhes dê muita comida — avisou ela, sem olhar para ele. — Elas agora não deviam reproduzir-se. Não preciso nada de mais cordeiros.

— Ora, vá lá, queres uma *Maçã* bebé, não queres? — retorquiu o Max, dando palmadinhas à ovelha. — Fazer uma *Laranja*, talvez?

— Não, pois a *Laranja* só parece interessada em fugir à tarde para nadar — disse ela. — Então... serviste-te das minhas ferramentas, ou... fizeste de outra maneira?

O Max ergueu os olhos. Ela contemplava, de testa franzida, os objetos volumosos que ele escolhera para consertar o curral.

— Ah, isso. Peguei nuns blocos e tapei o buraco. Não encontrei madeira. Fiz o conserto com dois blocos de altura, caso a *Azul Gorda* desate a saltar outra vez. Fiz bem?

— Mas... — Ela acenou para a cerca, sem encontrar palavras. Olhou para a clareira. A quinta da família da Alison ficava fora da aldeia, perto da casa do Max, e a clareira deles era ampla e rodeada de árvores altas. A casa na árvore da família dela ficava mais atrás, e o Max reparou que ela se colocava sempre de costas para essa zona, não fosse lembrar-se do que lá estava.

— Tinhas montes de madeira! Dei-te ferramentas boas!  
— exclamou ela, a dar aos braços apontando para as árvores.  
— Mas só tapaste o buraco com... isso é o quê?

— É obsidiana. — O Max sabia que ela nunca tinha visto obsidiana na vida real. Era raríssima, e os pais nunca os deixariam brincar perto de lava.

Alison olhou para ele inexpressivamente e desatou a fazer perguntas.

— Em que é que isto serve de conserto? Já nem sequer é uma cerca. E onde é que arranjaste obsidiana no Overworld? Porque haverias de gastar obsidiana num curral de ovelhas? Se a tua mãe descobrir que andas a mexer em água e lava, vai...

— Matar-me, já sei — interrompeu ele, com um sorriso.  
— A minha mãe vai ter de me matar montes de vezes, se descobrir o que ando a fazer. Achas que ela vai ficar mais zangada por causa da água ou da lava?

«Pronto.» Ele dava-lhe aqui uma abertura. «Pergunta sobre os blocos. Pergunta sobre onde estive.» Esperou que ela fizesse mais perguntas, mas ela limitou-se a levar mais umas ovelhas para dentro do curral, enquanto as outras (*Azul Gorda*, *Azul Velha*, *Azul-Clara* e *És Cinzenta mas não faz mal, gosto de ti à mesma*, ou *Cinzenta* para abreviar) os olhavam, à cautela. A maioria das ovelhas evitava a água, e evitava quem não evitasse a água. *A Maçã* e o *Príncipezinho* não ligavam, a pastar e a pingar água na erva. Começava a cheirar a lã ensopada.

A Alison tirou a pá de dentro da sacola e começou a cavar diante da cerca. O Max grunhiu. Lá estava ela outra vez.

— Se estás aborrecido, porque não me ajudas? — sugeriu ela, a atirar-lhe a pá e a pegar noutra. — O meu pai sempre disse que as valas davam mau aspeto, mas acho que será a maneira mais fácil de manter as ovelhas no curral.

O Max demorou um momento a admirar a qualidade da pá que ela lhe atirara. Quando não andava entretida com as ovelhas, a Alison lançava mãos à obra e fazia ferramentas cada vez melhores. Começara a criar armaduras, mas só quando encontravam materiais suficientes, e raramente havia materiais suficientes.

Ele começou a cavar, dando a volta à cerca do lado oposto ao da Alison, para se encontrarem do outro lado, tendo cada qual escavado uma trincheira com um bloco de largura.

— Vais encher de água? Melhor ainda, lava! — disse ele, a sorrir.

— Hoje, não — respondeu ela, a guardar as ferramentas. — Por agora, a vala serve. — Saltou para fora e suspirou, sacudiu as mãos. Virou-se para ele. — Então? Onde é que encontraste os blocos? Sei que não os extraíste, porque não tens picareta de diamante.

«Boa! Está interessada!» Ele galhofou de uma maneira que esperava ter soado inteligente e marota.

— Um dia conto-te, em breve. Tinha esperança de que tu me fizesses uma picareta de diamante.

Ela começou a andar na direção da casa do Max.

— Para extrair obsidiana, é preciso picareta de diamante. É preciso diamante para fazer uma picareta de diamante, portanto, tens de encontrar diamantes e, calhando, ter uma picareta de ferro.

— Que deveria estar encantada, já sei — disse o Max, a revirar os olhos. Ela já lho tinha dito. Ele sabia que fariam uma bela equipa. Ela podia fazer ferramentas e ele poderia encantá-las. Mas a Alison, sabe-se lá por que razão, sempre dissera que era má ideia meterem-se em encantamentos. — Mas, sabes, se achares maneira de fazer uma picareta de ferro, podias fazer uma. Não digo mais nada. Será outro passo até extrairmos a nossa própria obsidiana.

Ela entusiasmara-se quando ele falara em ter recursos necessários para fazer uma picareta de ferro. Após um instante, ela abanou a cabeça e riu-se baixinho.

— Sou mesmo previsível. Devo pedir à tua mãe que me traga diamantes quando for à aldeia ver o teu pai, na semana que vem? Depois podes dizer-me onde encontrar essa obsidiana a necessitar de extração.

— Depois digo-te da obsidiana — disse ele. Estavam perto da casa do Max e, se a mãe tivesse ouvido alguma coisa sobre extrair, ou encantar, ou fazer qualquer coisa perigosa como, por exemplo, respirar fora de casa, até lhe daria outro ataque.

O Max descontraiu-se um pouco. Conseguira finalmente fazer a Alison sorrir, coisa que implicava cada vez mais esforço ultimamente. Porém, não lhe podia censurar o desgosto. Poucos meses antes, a sua família também passara por mudanças infelizes, e custara algum tempo a habituar-se.

Para cúmulo, nunca esperara que a Alison ficasse a ser, essencialmente, sua irmã adotiva. Espera-se que os amigos convivam connosco, tenham aventuras, fujam de zombies, se ficarem na rua até tarde. Não se espera que vão viver connosco, após um desastre transformador como, por exemplo, perder a casa e a família num ataque inesperado de creepers.

Porém, o Max sentia-se grato por ela ter passado a fazer parte da família. Poucas semanas antes da tragédia, ele quase morrera afogado na enseada e, desde então, a mãe morria de preocupação com ele. Até construíra uma barraquinha no quintal, para guardar todos os líquidos longe de

casa, coisa que o Max achava um exagero, embora nunca lhe tivesse dito. Quando a Alison passara a viver com eles, atordoada e desgostosa, a mãe dele ficou com outra fonte de preocupação, e o Max pôde recuperar em paz. A melhor, e a pior, parte era a mãe ver na Alison uma irmã mais velha/ama-seca dele. Pior porque, francamente, o Max não precisava de ama, e a melhor porque, finalmente, conseguira sair de casa outra vez, e com a sua melhor amiga.

Ele superara o acidente em que quase morrera afogado, mas a Alison, compreensivelmente, ainda tinha momentos de tristeza por ter ficado sem a família. Nessas alturas, o Max esforçava-se por distraí-la, como, por exemplo, estragando a cerca para as ovelhas fugirem, e ela ter um problema para resolver, em vez daquela tempestade de desgosto sem solução.

Claro que nunca lhe diria que o problema da cerca era culpa dele. Ela ficaria fula.

Quando a Alison foi para lá viver, a mãe do Max, que era arquiteta, recebera-a construindo uma torre ligada às traseiras da casa, para ela se instalar. Assim, a Alison tinha um sítio especial para onde se retirar quando precisava de ficar sozinha, e era mais fixe e mais complexo do que um simples quarto de dormir. O Max tentara disfarçar a inveja, na altura; os pais nunca tinham pensado em empregar as suas espantosas competências arquiteturais para fazer um espaço único

para ele, que fosse só seu. Depois lembrava-se daquilo que a Alison tinha passado, e do motivo para precisar do seu refúgio, e passava-lhe essa angústia.

Mais ou menos.

Após a aventura com as ovelhas em fuga, e depois do jantar, em que o Max e a Alison garantiram à mãe dele que estavam todos bem, eles e as ovelhas, verificou se a mãe estava a dormir e depois foi à torre da Alison. Bateu à porta, discretamente.

A Alison abriu uma frincha e espreitou, com a cara suja de carvão.

— O que foi?

— O que estás a fazer? — perguntou ele, avidamente, esquecendo-se logo da razão da sua visita.

— Chiu, entra lá — disse ela.

Ele olhou para trás e depois seguiu-a até à escada. Em vez de subir, ela foi à porta que abrira no vão da escada e abriu-a. Levava diretamente à encosta ao lado da casa do Max; ele e a Alison andavam regularmente a limpar a área, a fim de fazerem um forte secreto para as suas criações.

O forte tinha uma bancada que ele fizera para a Alison assim que ela se mudara lá para casa. Ela andava bastante apática e infeliz, e o Max teve a ideia de lhe pedir que lhe distraísse a mãe durante um quarto de hora enquanto ele preparava uma coisa. A Alison resolvera perguntar à mãe do Max sobre o talento que era necessário para construir algo suspenso no ar, algo em que a mãe dele se saía muito bem

e, enquanto ela explicava, o Max esgueirara-se para a barrquinha, servindo-se da bancada da mãe. Apresentou pouco depois a bancada nova, e algumas ferramentas básicas, à Alison nesse serão, e ela sorriu pela primeira vez desde que tinha ido para lá morar.

Daí em diante, ficou com algo para se entreter, em vez de vaguear desgostosa. Eles tinham começado logo a recolher madeira e pedra, e a ver o que poderiam fazer a partir daí. Num único dia, construíram a sua própria oficina, na gruta escondida que tinham escavado por baixo da torre.

Desde então, a Alison ganhara muito jeito a consertar e a aperfeiçoar coisas. Esta noite, o Max viu que a oficina tinha muitas coisas novas. A Alison andara ocupada depois do jantar! Novidades: pás, machados, picaretas, canas de pesca, baldes, tudo em cima da bancada. Ela pegou numa picareta nova e rutilante e passou-lha, toda orgulhosa.

— Descobri ferro — disse. — Agora vai procurar diamantes, para te poder fazer uma picareta de diamante.

— Foste minar ferro sem mim? — perguntou ele. — Mas porquê?

A felicidade tinha-se desvanecido do rosto dele e, por seu turno, ela fez-lhe má cara.

— Para te fazer a surpresa de uma picareta nova, tontinho mal-agradecido.

Virou-lhe costas e começou a guardar as ferramentas no baú perto da bancada.

Ele deixou-se de indignações.

— Obrigado — murmurou. Ansioso por mudar de assunto, foi ao baú onde geralmente guardavam os materiais. — Então, hum, o que mais descobriste?

Ela não respondeu logo, e ele abriu o baú e olhou para o conteúdo. Ela conseguira encontrar ferro, areia e carvão na sua pequena excursão, mas não chegara a nenhum dos blocos especiais, que ele sabia que só os mineiros veteranos conseguiam encontrar: ouro, esmeraldas, diamantes e lápis-lazúli.

— Devas substituir as ferramentas da tua mãe pelas novas enquanto ela dorme — disse a Alison, ainda sem olhar para ele.

Eles iam aperfeiçoando as ferramentas da mãe do Max, em segredo, substituindo aquelas estragadas. Era o que lhes permitia escoar os excedentes que a Alison criava só para ganhar experiência.

Era evidente que ele a melindrara, só não sabia bem em quê.

— Ali, ouve, desculpa. É divertido minerar contigo, mais nada. Não gosto de perder essas oportunidades.

Ela passou a mão pela cara, da maneira que se lembrava de a sua mãe fazer, e virou-se para ele.

— Eu sei, mas... — Engoliu em seco e continuou. — O meu pai zangava-se e dizia que eu não agradecia as coisas que ele fazia por mim. Eu achava aquilo uma maldade. Agora sei como é. Como era, quer dizer. E não lhe posso pedir desculpa.

O Max ficou cheio de vergonha, com as orelhas a arder. Olhou para a amiga desalentada, balbuciou um pedido de desculpas, pegou nas ferramentas e deixou-a sozinha com as suas lágrimas.

A vergonha só aumentou. Porque é que não soubera agradecer a prenda que ela lhe dera? Ele tinha jeito para distrações como, por exemplo, soltar as ovelhas e dar prendas. Todavia, sabia que, por vezes, a Alison precisava de que ele simplesmente a ouvisse, quando se sentia em baixo, e isso custava-lhe muito a fazer.

## CAPÍTULO 3

---

### QUANDO A VIDA TE DER LAVA, FAZ SUMO DE LAVA

Era esquisito ver ambos os lados da discussão, refletiu a Alison nessa noite. Lembrava-se do que lhe custara quando o pai ralhara com ela, mas agora compreendia o que era fazer algo simpático por alguém e a pessoa descartar isso como se fossem umas costeletas da véspera. Não conseguia adormecer, saiu da cama e viu um esqueleto a vaguear na clareira abaixo da sua janela.

Desceu à oficina e verificou os materiais. Dispunha de ferro suficiente para fazer uma picareta sua, pelo que, agora, ela e o Max poderiam minar mais depressa, juntos. Pegou num mapa, que andava a desenhar perseverantemente. Tinha posto a casa e a torre encostadas ao monte, e fizera uma estimativa do volume total desse monte.

Achava veios de carvão e ferro, e assinalara essas descobertas. Pensava que, se rumassem a oeste, por baixo da plantação de abóboras da mãe do Max, talvez encontrassem blocos melhores. Ainda não mostrara o mapa ao Max, mas amanhã, talvez. Se fizessem as pazes, claro.

A picareta estava em cima da bancada, forte e bem feita. A Alison tocou-lhe um instante, orgulhosa da sua mestria. Nunca considerara ter vocação para criadora de ovelhas, nem para costureira, por mais que adorasse aquelas chatas fofinhas, mas fazer ferramentas parecia-lhe acertado.

A mãe do Max ainda não tinha reparado que eles andavam, em segredo, a substituir-lhe as ferramentas usadas pelas novas da Alison. Seja como for, não fizera comentários. Ora, a mãe do Max não era de se calar. A Alison admirava isso, mesmo quando a maior parte do que a mãe do Max dizia se traduzia na superproteção ao Max. Eram muitas vezes, demasiadas, aquelas em que a Alison não dizia o que pensava. «Mesmo meses volvidos do acidente, já não me deveria ralar com o que digo às pessoas.»

Do que é que ela teria medo? Já perdera praticamente tudo. Ora, a resposta era evidente: só lhe restava a amizade do Max e a hospitalidade daquela família. Não aguentaria perder isso.

\* \* \*

Na manhã seguinte, a mãe do Max disse a sua frase favorita.

— Hoje vou à aldeia ver o teu pai. Não saias de casa.

A família do Max tinha uma orgânica esquisita, a mãe em casa, a trabalhar em projetos arquitetónicos, e o pai na aldeia, há já alguns meses, a orientar uma obra grande. Quando a Alison a questionara sobre o assunto, a mãe do Max ficara com um olhar tenso, e respondera que ele tinha trabalho extraordinário, e depois mudara de assunto. Parecia esconder algo à Alison.

O Max não queria falar dos motivos pelos quais os pais trabalhavam e viviam separados. Evitara o assunto quando a Alison lhe perguntara, deixando-a a pensar por que razão tinham ficado tão mudos e sombrios. Dantes, a família do Max era um bando grande, contente e ruidoso, que costumava frequentar a casa da Alison em grandes jantaras. Por vezes, até levavam os tios e as tias do Max, e os tios Nicholas e Maximilian, e a tia Horty, também moravam na região. Nas ocasiões em que o tio Nicholas lá ia, a Vó Dia queixava-se e discutia com ele, mas a mãe dela dizia sempre que as famílias eram muito chegadas: não apesar das quezílias entre gerações mais velhas, mas sim por causa delas. A Alison não percebia patavina disto, mas tinha saudades desses tempos.

Era óbvio que não conhecia ao pormenor a orgânica da vida familiar do Max, mas também não iria insistir se ele não quisesse conversar. A Alison sabia que o Max não se sentia à vontade para demonstrar sentimentos, portanto iria

esperar até ele estar com disposição. Até lá, tinham muitas aventuras com que se entreter.

— Vai bem sozinha? — perguntou a Alison à mãe do Max. Esta sorriu, intrigada.

— Claro que sim. Vou sempre sozinha quando o Max tem aulas.

A Alison olhou para o chão.

— Eu sei. É que... há mobs perigosos por aí.

— Ah — fez a mãe do Max. — Compreendo. Bem, não te rales comigo, querida. Sei muito bem tomar conta de mim. Além disso, estarei de volta antes de anoitecer.

Deu uma palmadinha no braço da Alison e voltou aos preparativos da viagem. A Alison sentiu arrepios só de pensar na mãe do Max sozinha na estrada.

«Ela voltará antes de anoitecer», repetiu de si para consigo. «Vai correr tudo bem.»

Enquanto a mãe do Max andava pela cozinha a preparar a viagem de meio dia à aldeia, a Alison e o Max entreolharam-se, sentados à mesa, desculpando-se, e fizeram os planos do costume, sem necessidade de falar. Semanas antes, já tinham decidido que, se escavassem a encosta atrás da casa, em rigor não estariam a sair da propriedade. Só iriam cavar uma área que poderia servir para mais divisões na torre da Alison, não era?

— Ela vai acreditar, na boa — dissera o Max, confiante, mas a Alison já não tinha tanta certeza. Não obstante, o apelo de fazer mais materiais era demasiado forte.

Ajudaram a mãe a carregar a burra *Francine*, com vários rolos de projetos e uma merenda para o caminho, e despediram-se dela com a promessa de não saírem «da propriedade». A mãe parou pelo caminho, a ver se as abóboras cresciam bem na horta.

A mãe do Max gostava de comentar que a horta se dera bem nesse ano, mas ficava dececionada por as cabaças ainda não estarem prontas a vender no mercado. Curvou-se e deu palmadinhas afetuosas numa, garantiu-lhe que a levaria à aldeia da próxima vez.

O Max revirou os olhos. A Alison sabia que ele detestava abóboras e tudo o que levasse esse ingrediente, mas não era vegetal que a Alison estivesse habituada a comer, pelo que apreciava as refeições da família com abóbora.

A mãe do Max endireitou-se e olhou, com a testa franzida, para o bosque denso que crescera entre a horta e o monte ao lado da casa.

— Temos de podar ali quando eu voltar — declarou.

— Mas esperem por mim, não comecem já.

E foi-se.

— Tenha cautela! — ainda disse a Alison.

— Finalmente! — exclamou o Max quando a mãe desceu o caminho, com a *Francine* pela estrada. — Já se foi.

Correu até ao quarto e voltou com tochas e a picareta nova.

— Ando a fazer um mapa — disse a Alison, e mostrou-o.

— Aqui está onde temos cavado, e este aqui parece-me um

bom sítio para continuar. — Avançou com o dedo indicador até um ponto abaixo do talhão das abóboras. — Acho que se formos uns blocos mais fundo do que temos feito, talvez achemos coisas melhores.

— Vamos a isso! — exclamou ele, rumo à porta.

— Espera lá... e se encontrarmos alguma coisa má lá em baixo? — perguntou a Alison. Perguntava sempre, porque sabia que encontrar uma gruta cheia de zombies e esqueletos era mais provável do que achar um filão de ouro assim tão perto da superfície.

— Fugimos — sugeriu ele, a sorrir, como sempre.

A Alison cavava como uma formiga. O Max cavava como um gafanhoto. Ela era metódica e cuidadosa, ele cavava onde lhe apetecesse.

A Alison trabalhava sempre em grelha, avançando 16 blocos, cavando dois, e recuando outros 16. Sempre que decidia ir mais fundo, fazia-o com cuidado, criando uma encosta e nunca cavando a direito para baixo.

De cada vez que cruzava esses caminhos, pensava em fazer degraus, e depois à noite, quando as pernas não lhe doíam do esforço de saltar blocos, achava que seria perder tempo e recursos.

O Max limitava-se a cavar.

Quando tinham começado a extrair, a Alison tivera imediatamente de o impedir de cavar a direito para baixo,

salientando que ele não sabia em que espécie de gruta cairia, e lembrando-lhe que, se caísse, custaria muito voltar para cima. Em seguida, o Max teve de se exhibir e mostrar como já dominava a arte de saltar e assentar um bloco por baixo, de modo a erigir paulatinamente um pilar e elevar-se dentro do buraco aberto. A Dextra, irmã mais velha da Alison, tinha feito isso uma vez, mas caíra logo e precisara de cuidados médicos. O facto de ver aquela técnica outra vez transtornou-a tanto que passou o resto do dia sem falar com o Max.

Pelo menos, era essa a intenção, mas depois viu a escultura de uma ovelha que ele fez, com blocos de lã vermelha, do lado de fora da janela dela. A estátua tinha uma expressão tola que, surpreendentemente, parecia-se muito com a ovelha *Maçã*.

Agora, o Max já não escavava a direito.

Dentro do monte, a Alison olhou para o mapa, com a luz da tocha embutida na parede.

— Temos de cavar naquela direção, para passar por baixo da horta — disse, e o Max desatou a martelar cada bloco à sua frente, abrindo um grande túnel no monte. Ela suspirou, desceu uns blocos, e começou a escavar a grelha seguinte.

O Max serpenteava a cavar o túnel, estragava-lhe a grelha e bradava alegremente, sempre que achava algo além de pedra e terra. A Alison trabalhava com cuidado, rangendo os dentes e continuando o esquema da escavação, para assinalar no mapa. No fim, deveria ter passado pela confusão do Max e tentado incluí-la no mapa.

## UMA AVENTURA IMPERDÍVEL DO UNIVERSO MINECRAFT!

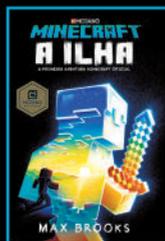
O Max e a Alison são completamente diferentes um do outro. O Max é aventureiro e a Alison gosta de seguir as regras à letra. No entanto, isso não os impede de serem amigos. Quando encontram um diário misterioso, ambos ficam fascinados com a história de um portal secreto que dá acesso a um mundo desconhecido chamado Nether.

Depois de muitas peripécias, o Max e a Alison acabam por ir parar ao Nether, onde, mais do que nunca, terão de se unir para enfrentar os perigos invisíveis que espreitam a cada esquina.

Presos num lugar imprevisível, os dois amigos só têm uma hipótese: encontrar o enigmático autor do diário que os conduziu ali, pois é o único que poderá ajudá-los a desvendarem os mistérios do Nether!



LÊ TAMBÉM:



booksmite  
livros que saltam à vista  
20|20 editora

10+

ISBN 978-999-668-543-0



9 789996 685430

Literatura Juvenil